 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-18, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43590</p>	

SEÇÃO: CIBERCULTURA

Colonialismo de dados, descolonização da rede e infraestruturas de cabos submarinos: uma reflexão situada por prática artística

Data colonialism, network decolonization and submarine cable infrastructures: a reflection situated by artistic practice

Colonialismo de datos, descolonización de redes e infraestructura de cables submarinos: una reflexión situada desde la práctica artística

Ruy Figueiredo¹

orcid.org/0000-0001-8339-6634
czr.campos@gmail.com

Recebido em: 22 jul. 2022.

Aprovado em: 1º jun. 2023.

Publicado em: 09 nov. 2023.

Resumo: A partir de uma prática artística que propôs a troca de “videocartas” entre jovens estudantes de escolas circunvizinhas a estações de cabo submarino em Fortaleza (Brasil), Sangano (Angola) e Salgar (Colômbia), apresentam-se definições que envolvem as infraestruturas das mídias e o debate sobre o que poderia ser a descolonização da rede digital. A proposta é colaborar para um entendimento situado sobre a internet no Sul Global, explicitando as geografias e os territórios onde se dá a presença de suas infraestruturas, destacando-se contrastes e contradições.

Palavras-chave: cabos submarinos; infraestruturas das mídias; pesquisa artística; Sul Global.

Abstract: Based in an artistic practice that proposed the exchange of video-letter among young students of schools neighboring submarine cable stations in Fortaleza (Brazil), Sangano (Angola) and Salgar (Colombia), the text presents definitions related with media infrastructure and the debate around what could be the decolonization of the digital network. The proposal is to collaborate with a situated understanding of the internet in the Global South, explaining the geographies and territories where there is a presence of its infrastructures, highlighting its contrasts and contradictions.

Keywords: submarine cables; media infrastructure; artistic research; Global South.

Resumen: A partir de una práctica artística que proponía el intercambio de “videocartas” entre jóvenes estudiantes de escuelas aledañas a estaciones de cable submarino en Fortaleza (Brasil), Sangano (Angola) y Salgar (Colombia), se presentan definiciones que involucran las infraestructuras de los medios y el debate sobre lo que podría ser la descolonización de la red digital. La propuesta es colaborar con una comprensión situada de internet en el Sur Global, explicando las geografías y territorios donde están presentes sus infraestructuras, destacando contrastes y contradicciones.

Palabras-clave: cables submarinos; infraestructuras de los medios; pesquisa artística; Sur Global.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil.

Apresentação

O fluxo de dados entre o Norte e o Sul Global tem se tornado ponto de atenção e reflexão crítica por parte de pesquisadores e artistas. Coletados através de aplicativos e do uso corriqueiro de serviços digitalizados, os dados são agregados em ampla escala, armazenados em *data centers*, distribuídos por meio de cabos de fibra óptica e minerados por um recém-estabelecido setor econômico exclusivamente voltado para a quantificação de relações sociais (cujos resíduos se tornam recursos dos quais se extrai valor econômico). Esse processo estaria, como apontado por Couldry e Mejias (2019), reconfigurando a vida humana para modos de relacionamento que constantemente podem ser coletados e minerados.

Para que os dados sejam distribuídos, são necessárias a expansão e a manutenção de infraestruturas, como cabos submarinos e suas estações, *data centers* e torres de transmissão. O tema das infraestruturas das mídias ainda é pouco estudado no Brasil, mas, em um cenário internacional, sua relevância tem sido amplamente debatida, chegando-se mesmo a reconhecer a existência de uma "virada infraestrutural" (não só na Comunicação e nos Estudos de Mídia, mas também nas Ciências Sociais em si) (HESMONDHALGH, 2021).

O texto aqui apresentado está vinculado a essa virada, em termos tanto de tema quanto de abertura metodológica para o uso de práticas artísticas como metodologia de encontro com uma dimensão situada da rede digital, conforme proposto por pesquisadoras como Parks (2014) e Starosielski (2015). O artigo se desenvolve, portanto, a partir de uma videoinstalação artística chamada *Infraestruturas Circunvizinhas*, elaborada pelo pesquisador como modo não logocêntrico de contribuir para discussões levantadas por teóricos interessados nos estudos de cabos submarinos, promovendo-se uma agenda de pesquisa crítica para as relações de dados, os sujeitos de dados e as infraestruturas das mídias.

Define-se, desde já, "relações de dados" (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 12, tradução nossa) como as relações nas quais os sujeitos são uma parte – "sujeitos de dados"² (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 30,

tradução nossa). Mais objetivamente, as relações de dados podem ser definidas como uma ordem social emergente pautada em processos de extração que se estabelecem entre indivíduos, grupos e corporações. Essas relações são humanas, mas tornadas possíveis por dados que as posicionam como fundamento para sua mercantilização. Os sujeitos de dados são influenciados a modular seus comportamentos para interagir com os algoritmos, que, por vez, os categorizam para a extração (COULDRY; MEJIAS, 2019).

A discussão, ao longo do texto, é realizada sem permitir que o pensamento permaneça estático em um nível intelectual abstraído de territórios/lugares e de seus habitantes, assumindo-se os vieses do pensamento situado de Donna Haraway (1988). A cientista defendeu políticas e epistemologias situacionais de localização e posicionamento, nas quais a parcialidade – e não a universalidade – é a condição para ser escutado ou fazer alegações racionais (HARAWAY, 1988). Com isso, ela propôs modos de fazer conhecimento não a partir de um distanciamento em relação ao objeto de pesquisa, mas a partir de uma proximidade situada pelo corpo, entendido como algo complexo, contraditório, estruturante e estruturado.

Contrapondo-se ao olho da objetividade científica, marcada por uma visão descorporificada e aparentemente neutra (característica do sujeito da ciência feita pelo "Homem" branco), Haraway (1988, p. 583, tradução nossa) afirma que todas as narrativas culturais sobre a objetividade "são alegorias de ideologias governando as relações entre o que chamamos de mente e corpo, distância e responsabilidade"³. Mais do que a partir de um objeto, portanto, a pesquisa se desdobra a partir da localização e da situação do corpo de um artista-pesquisador em viagem voltada para uma prática intercultural⁴.

³ Do original: "*are allegories of the ideologies governing the relations of what we call mind and body, distance and responsibility*".

⁴ Interculturalidade implica relação, processo, dinâmica, percepção de identidades individuais e coletivas, interações entre indivíduos e grupos. As abordagens sobre interculturalidade interrogam análises, práticas, identidades, pertencas, significações culturais e sociais, sistemas de valores próprios de cada um e se propõem a desenvolver uma competência social, cultural, pedagógica e comunicacional baseada na experiência da alteridade e da diversidade.

² Do original: "*data subjects*".

Para isso, as questões teóricas são situadas por relações de circunvizinhança com as estações de cabos submarinos da CenturyLink/Level 3 em Fortaleza (Brasil)⁵ e da Angola Cables em Sangano (Angola), além da Globenet e da Claro em Salgar (Colômbia)⁶.

Como base para processos de reflexão sobre os dados na atualidade, Couldry e Mejias (2019, p. 205, tradução nossa) promovem o conceito de "paranódulo"⁷, que dialoga com o conceito de "narrativas nodais"⁸, de Nicole Starosielski (2015, p. 68, tradução nossa), especialista no estudo de cabos submarinos. Ambas as referências partem da consideração de que, quando se olha para o diagrama da rede de cabos submarinos e de infraestruturas da comunicação no geral (suas linhas e seus vetores), o que está visível são os nós e os *links* que conectam esses nós.

Os atos de pensar o espaço paranodal e estabelecer narrativas nodais consistiriam em articular a produção de conhecimento com o que está no entorno ou no entremeio dos nós e que, por escolha ou acidente, está excluído do imaginário organizador e perpetrador das redes: "Esse espaço paranodal é o espaço que está ao lado do nó e para além das racionalidades que conectam distintos nós"⁹ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 205, tradução nossa).

É na habitação do espaço paranodal que Couldry e Mejias (2019) creem poder emergir modos de pensar e atuar criticamente sobre a infraestrutura que vem se estabelecendo para a internet, assunto desenvolvido no próximo tópico. Esse habitar envolveria "intensificar os prazeres da sociabilidade"¹⁰ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 206, tradução nossa), os quais o processo de *datificação* não conseguiu suprimir através de sua experiência individualista, o

que demonstrou, na década de 2010, um potencial polarizante no cenário sociopolítico global. Por *datificação*, entende-se a sujeição das relações sociais às interações que permitem a extração dos dados, por vezes através de formas expandidas de trabalho não remunerado.

Inspirado na pesquisa de Starosielski (2015) sobre cabos submarinos e atuando através de práticas artísticas, a produção da videoinstalação *Infraestruturas Circunvizinhas* também responde ao conceito de paranódulo. Através da atenção e do enquadramento comum entre estações de cabos submarinos e escolas circunvizinhas, o que se apresenta na obra é como a rede e suas infraestruturas se inserem topograficamente, mantendo com seus vizinhos uma insularidade ou uma interconexão, que resulta, como logo será explicitado, em invisibilidade, no caso de Fortaleza, e opacidade, nos casos de Salgar e Sangano.

Na expansão do digital, a inclusão e a democratização do acesso foram se tornando um tópico relevante de debate. Por um lado, a exclusão social de pessoas em razão de sua inacessibilidade à internet é uma preocupação que não deve ser ignorada. Por outro lado, nos últimos anos, tem crescido o número de vozes intelectuais que também se preocupam com o que poderia estar por trás do interesse das corporações ao promoverem o acesso e a inclusão digital. *O que uma visita a uma escola circunvizinha de uma estação de cabo submarino pode apresentar para situar territorialmente o debate em torno dessa contradição, considerando que o recorte da obra de arte é situado pelo Atlântico Sul?*

Seguindo os nós de tal questionamento, junto com três grupos de jovens, fiz imagens aéreas de escolas em Fortaleza, Salgar e Sangano, chamando atenção para a distância e o espaço entre elas e a estação de cabo submarino mais próxima. Após isso, foi feita uma reunião em uma sala de aula com um grupo de jovens escolhido pela diretoria da escola. Na reunião, apresentei a relevância do tema para pensarmos sobre a internet, a proposta de refletir sobre tal questão a partir das artes e a expectativa de promover trocas de videocartas entre grupos de jovens enquadrados como vizinhos de tais infraestruturas. Como estratégia para

⁵ Conforme Starosielski (2018, n.p., tradução nossa), Fortaleza é um "ponto de estrangulamento topológico" da rede global de cabos submarinos, uma vez que concentra uma grande quantidade de cabos que conectam a América Latina com o mundo. Do original: "*topological chokepoint*".

⁶ Uma versão de simulação da videoinstalação pode ser visualizada no seguinte *link*: <https://vimeo.com/227260907>. Acesso em: 19 ago. 2023.

⁷ Do original: "*paranodal*".

⁸ Do original: "*nodal narratives*".

⁹ Do original: "*This paranodal space is the space that lies beside the node and beyond the rationalities that bind nodes together*".

¹⁰ Do original: "*intensifying the pleasures of sociality*".

consumir apenas o tempo de meio turno dos seus estudos e viabilizar um sentido comum entre os vídeos, elaborei perguntas que foram respondidas individualmente: “como é viver onde você vive?”, “você usa internet e, se sim, para quê?” e “como imagina a internet no futuro?”.

Figura 1 – Registro do processo de criação de *Infraestruturas Circunvizinhas*



Fonte: arquivo pessoal.

O processo de criação e o resultado constituem o ponto a partir do qual buscarei situar conceitos e problematizações em torno da consolidação econômica e da expansão territorial das infraestruturas de armazenamento, distribuição e fornecimento da base logística da rede digital no Atlântico Sul, mais especificamente tensionando contradições em torno do modelo econômico que vem se estabelecendo nas últimas décadas.

Através das falas dos jovens, registradas em vídeo, assim como de imagens aéreas produzidas para contextualizar os territórios/lugares em que os cabos de fibra óptica estão ancorados, oferece-se uma visualização reflexiva das ambivalências que emergem no contexto da rede digital, quando se produz um deslocamento para as infraestruturas da comunicação situadas no Sul Global, particularmente para as relações entre África e América Latina.

Vozes circunvizinhas às infraestruturas

Infraestruturas Circunvizinhas é uma instalação artística de três canais audiovisuais, com cada canal apresentando uma videocarta que

mostra estudantes, escola, entorno e estação de cabo submarino mais próxima. A mediação por videocartas foi pensada como gatilho para a interculturalidade, a inteligibilidade infraestrutural¹¹ e o interesse em apresentar distintas percepções sobre o insulamento das estações de cabo submarino em relação às suas vizinhanças, bem como para a escuta de vozes “alter-nativas”¹² (BRATHWAITE, 1991, p. 44, tradução nossa) sobre os territórios/lugares estudados.

Figura 2 – Registro do processo de criação de *Infraestruturas Circunvizinhas*



Fonte: arquivo pessoal.

Se se pensa em tecnologia avançada, luzes neon e futurismo quando se imaginam os prédios infraestruturais para o funcionamento da rede digital, o primeiro estranhamento causado nesse processo de prática artística foi provocado pela imagem aérea da vizinhança da estação da CenturyLink (antes Level 3), em Fortaleza. O contraste entre um prédio altamente seguro, discreto e tecnológico e a precariedade habitacional que o cerca sintetiza contradições entre progresso tecnológico e desigualdade no Sul Global. Entre as estações abordadas na videoinstalação, apenas a de Fortaleza apresenta uma insularidade direcionada para a invisibilidade.

¹¹ Processo através do qual pessoas comuns usam imagens, sons, objetos, observações, informações e experiências tecnológicas para imaginar a existência e a forma de uma infraestrutura midiática dispersa e extensa que não pode ser observada por uma pessoa em sua integridade.

¹² Do original: “alter-natives”.

Figura 3 – Registro do processo de criação de *Infraestruturas Circunvizinhas*



Fonte: arquivo pessoal.

A comunidade no entorno tem o nome de “Luxou” e conquistou o direito de permanência no lugar em 2012 – coincidentemente, o mesmo ano em que a comunidade de pescadores que vive em Sangano (Angola) conquistou o direito de permanência ao lado da estação da Angola Cables. Segundo Abreu Júnior (2005), a área, ocupada em 1977, localiza-se ao redor do que foi o primeiro clube social a se instalar na Praia do Futuro, o Luxou. Os moradores iniciais seriam da cidade de Canindé, mas logo a ocupação cresceu, com moradores vindos de outras cidades e estados vizinhos ao Ceará, como Piauí e Maranhão.

Os jovens residentes da comunidade que participaram da videoinstalação estudavam na escola Dom Aloísio Lorscheider, integrada à rede de fibra óptica da Prefeitura de Fortaleza¹³, dotada de quadras poliesportivas, energia elétrica, sistema de esgoto, espaço amplo e diversas salas de aula. Ainda assim, a instituição é envolvida por um violento contexto urbano, que limita sua integração com o seu entorno físico: foi burocrático entrar na escola pela primeira vez, pois

o acesso é controlado, e há uma preocupação com a segurança dos estudantes.

A conexão à internet dos jovens que participaram da obra de arte acaba sendo um refúgio, conforme relatado, pois costumam passar mais tempo trancados dentro de casa, em razão da insegurança. A primeira videocarta foi elaborada nessa escola a partir das falas de Alisson (15 anos), Jenifer (14 anos), Fernando (15 anos) e Joice (13 anos), selecionados pela diretoria da escola, após minha introdução e a apresentação da proposta artística.

Nenhum dos jovens sabia que era vizinho de uma infraestrutura que permite à internet existir na escala em que a conhecemos. O primeiro vídeo, elaborado com eles, serviu como base para a dinâmica do processo de criação. Suas falas acabaram colocando a violência como ponto de partida para que os jovens dos outros países situassem suas percepções acerca do lugar em que vivem. Ainda que em 2017 a Colômbia celebrasse seu Acordo de Paz e a Angola fosse um país livre da guerra civil há apenas 15 anos, foi em Fortaleza que um clima de guerra se mostrou mais presente no imaginário. Por mais que essa percepção seja constante para os habitantes da cidade, o fato de que, na semana anterior às

¹³ A Prefeitura de Fortaleza possui uma rede de fibra óptica pública chamada de Fibrator, que conecta os órgãos que a compõem, beneficiando diretamente escolas e postos de saúde. Em 2017, a rede tinha cerca de 240 km (FORTALEZA, 2017).

entrevistas, houvera uma explosão de violência social acabou por enviesar as respostas para a pergunta "como é viver onde você vive?"¹⁴.

Jenifer respondeu que Fortaleza é "*um lugar muito perigoso, pelo fato de a gente mal poder sair. As pessoas estão querendo invadir escolas, ônibus, e tem muito assalto, então acho bem perigoso*". No mesmo viés, Joice respondeu que "*viver em Fortaleza é bom e, também, bem perigoso*". Fernando e Alisson, ainda que não tenham engrossado o coro da violência, ressaltaram que vivem a maior parte do tempo dentro de casa, com Fernando destacando que "*não tem nada o que fazer, só ficar em casa jogando na internet*".

Invisibilizada, a estação de cabo submarino em Fortaleza era completamente desconhecida enquanto tal pelos jovens. Seus muros bem protegidos e discretos armazenam um prédio sobre o qual não possuíam qualquer informação relevante e com o qual não tinham qualquer envolvimento, ainda que fizessem parte da mesma vizinhança. Salgar e Sangano, por outro lado, além de consistirem em territórios menos violentos, apresentam surpreendentes marcas de circunvizinhança.

Opacas, tais marcas atestam os modos de existir territorialmente das infraestruturas, estabelecendo, além de *estratégias de insulamento*¹⁵, *estratégias de interconexão*¹⁶: em Salgar, no centro da quadra de futebol da escola, estava pintado o logo de uma empresa de telecomunicação que opera cabos submarinos (algo tão opaco que só foi percebido por mim, com surpresa, no processo de edição das imagens aéreas produzidas para a

videoinstalação). Em Sangano, certos moradores, sem acesso à infraestrutura de energia ou água, carregam seus telefones celulares na portaria da estação. Além disso, o logo da Angola Cables está pintado nos muros da escola, como resultado de uma ação educativa sobre a importância da preservação de tartarugas. Esporadicamente, a empresa também distribui cestas básicas para habitantes do Sangano e compartilha em suas redes sociais.

Essas informações dão acesso a uma dimensão "paranodular" dos dados e das infraestruturas essenciais para a sua distribuição no Atlântico Sul. Ao chegar a esses territórios/lugares, a percepção de relações de circunvizinhança – tais como o carregamento de telefones na estação ou a presença de logos corporativos tanto na quadra da escola de Salgar quanto nos muros da escola de Sangano – acaba por revelar a opacidade com que a rede se estabelece territorialmente e faz o lugar de suas infraestruturas. Por um lado, apresenta e firma sua marca corporativa nos espaços escolares, abrindo-se pontualmente para interconexões superficiais ou assistencialistas, mas não necessariamente produzindo conectividade como meio para a reversibilidade, o conhecimento comum e a criatividade para a expansão do conhecimento.

No caso de Fortaleza, mais especificamente no da estação CenturyLink/Level 3, a invisibilidade parece ser a estratégia adotada para se insular do contexto da violência social, que predomina no imaginário territorial da Praia do Futuro. Talvez por escolher estar invisível, a estação não estabeleceu nenhum vínculo claro com a comunidade ou o espaço escolar no entorno. As falas dos jovens que situam Fortaleza a partir do ponto de vista da violência social acabaram definindo, nesse contexto, a base diferencial a partir da qual os jovens de Sangano e Salgar responderam sobre como é viver onde vivem.

Em Sangano, Geovane (16), Helena (17), Mário (19), José (15), Adão (19) e Antônio (18) foram os jovens que assistiram ao vídeo de Alisson, Joice, Fernando e Jenifer. A escola de Sangano era antagonista em relação à brasileira: ainda que vizinha a uma estação que se reivindica como promotora

¹⁴ No ano de 2017, a cidade de Fortaleza registrou uma "explosão de violência", apresentando um aumento de 86,7% no número de homicídios. No mês de abril, enquanto se realizavam as entrevistas, houve um ciclo de ataques mais violentos por parte de facções: ocorreram 36 ações contra ônibus e prédios públicos e privados (O POVO, 2017, 2019).

¹⁵ Meios estruturados pelas empresas de cabo submarino para se insular de problemas, questões territoriais e especificidades climáticas de seu entorno, mantendo-se isoladas e seguras em relação a eles. Esses meios aumentam o conhecimento que as empresas têm do entorno, ao mesmo tempo que as tornam mais invisibilizadas para os que são externos a elas.

¹⁶ Meios estruturados pelas empresas de cabo submarino para se conectar com o entorno de modo controlado e favorável, seja por meio do uso de força de trabalho local, seja através da integração com redes locais de transporte, água, energia etc. Nesse contexto, são encontradas formas de negociar a visibilidade das infraestruturas de maneira favorável aos seus interesses operacionais.

Figura 4 – Registro aéreo da estação de cabo submarino da Angola Cables e comunidade circunvizinha



Fonte: arquivo pessoal.

do futuro em suas ações de *marketing*, a instituição de ensino não possui nem computadores, nem internet, nem muros, nem energia, nem controle de acesso... tampouco há um quadro de professores para além do responsável por organizar todo o ensino da comunidade. Situada em uma praia isolada e sendo uma escola comunitária, todavia, a instituição garante a educação para as crianças e os jovens de Sangano, que se dizem felizes de viver em tal lugar.

Geovane, por exemplo, apontou que se sente *"tão feliz por viver nesse bairro onde não há bandido. Me sinto feliz porque também temos a praia e outras coisas mais"*; Helena afirmou gostar de viver em Sangano, porque *"não tem muita bandidagem"*. Adão, por vez, reforçou que Sangano é *"uma praia boa, não tem violência, nem bandidos. Um bairro muito calmo, muito calmo mesmo. Não tem nenhuma violência"*. José ressaltou que *"viver aqui é muito fixe. Toda a gente aqui é boa. Não tem aparecido bandidos cá, porque é uma boa comunidade e bastante alegre. É um bom sítio para poder se viver"*. Por fim, Antônio destacou que Sangano é um lugar *"fixe de viver"*, onde não há muita criminalidade e onde os jovens podem *"sair na rua a qualquer hora e estar na rua a qualquer momento"*.

O grupo participante se formou a partir da mediação de um jovem que já estava colaborando com o processo de criação de outras obras de arte sobre o tema. Timido, ele optou por ficar no processo de produção e aparecer no vídeo apenas nas cenas em que o grupo escolheu se apresentar dançando na beira do mar, o que se diferencia dos planos de apresentação dos jovens de Fortaleza e Salgar, gravados no interior seguro das escolas.

De modo bastante inesperado para o processo de criação, os jovens de Sangano participaram da videoinstalação negociando a possibilidade de que fosse realizada para eles uma sessão de fotos e gravado um videoclipe para Adão, também conhecido como "Milezboy: o Negro mais Negro", cantor de *kuduro* conhecido na região.

O clipe foi gravado no meu penúltimo dia em Sangano, contando com algumas imagens aéreas, também utilizadas em *Infraestruturas Circunvizinhas*. Foi um momento bastante divertido, com os jovens tímidos diante de toda a comunidade, que fazia graça com a situação. Juntos, escolhemos uma música do repertório de Milezboy para gravarmos.

Figura 5 – Registro do processo de criação do videoclipe de Milezboy



Fonte: arquivo pessoal.

*Da Mangelê*¹⁷ versa sobre dança, musicalidade, alegria, diversão, Sangano, Angola, a crença no futuro e o *ku duro* como uma forma de resistência cultural. Ao final da canção, um funcionário da Angola Cables é um dos mencionados, com agradecimentos. Existem trabalhadores que vivem e convivem com a comunidade e desenvolvem vínculos de amizade ou que possuem vínculos familiares. Como dito, a empresa também costuma realizar ações filantrópicas para a comunidade, utilizando normalmente o próprio espaço da escola para distribuir cestas básicas, realizar pinturas dos muros e discutir preservação ambiental de tartarugas. A relação de vizinhos entre a estação de cabo submarino e a comunidade parece relativamente saudável, mas cabe realçar aqui a contradição de a escola estar sem energia elétrica e computadores, enquanto, do outro lado do Oceano Atlântico, no Brasil, a empresa faz *marketing* sobre um futuro de conexão. Destaca-se também que há uma área da praia cercada pela Angola Cables e inacessível para a comunidade, em razão de ser o ponto terminal dos cabos submarinos.

Dois meses depois, em Salgar, um grupo de jovens visualizou os vídeos de Fortaleza e Sangano: Malen (16) Cindy (17), Marcos (15), Guerri (16) e Pierre (21). Enquanto em Angola só tive uma semana de estadia (Luanda é uma das cidades mais caras do mundo para viver e viajar), na Colômbia pude ficar por oito semanas. Para tensionar a viabilização da conclusão de *Infraestruturas Circunvizinhas*, o período coincidiu com uma greve nacional dos professores, que se estendeu durante os meses de maio e junho de 2017. Apenas na última semana de minha estadia no país, em julho, tive a oportunidade de concluir o projeto da videoinstalação, quando as aulas voltaram.

Os jovens que participaram de *Infraestruturas Circunvizinhas* em Salgar estavam, portanto, na semana de volta às aulas, depois de meses de greve. Após a apresentação do projeto para a diretoria, o grupo foi selecionado. Ao ser questionada sobre como é viver onde vive, Malen apontou que:

Vivir acá es algo de otro mundo porque tu lo disfrutas depende de las personas que esté. Y otra cosa es, sin romantizar, lo que se vive acá es super genial. Hay veces que es aburrido, pero con las personas indicadas todo puede pasar.

¹⁷ A canção está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4khkUngY3Qc>. Acesso em: 19 ago. 2018.

Figura 6 – Escola vizinha à estação de cabo submarino em Salgar



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 7 – Estação e data center em Salgar



Fonte: arquivo pessoal.

Engrossando o coro da diferença sobre a violência em Fortaleza, Marcos apontou que

[...] vivir aquí en Salgar es bueno porque aquí no pasan muchos crímenes. Por aquí me gusta ayudar, dar consejos y por aquí vivimos muy cerca de la playa y más o menos da un calor tremendo y supra una brisa que acompaña a nosotros a todo momento.

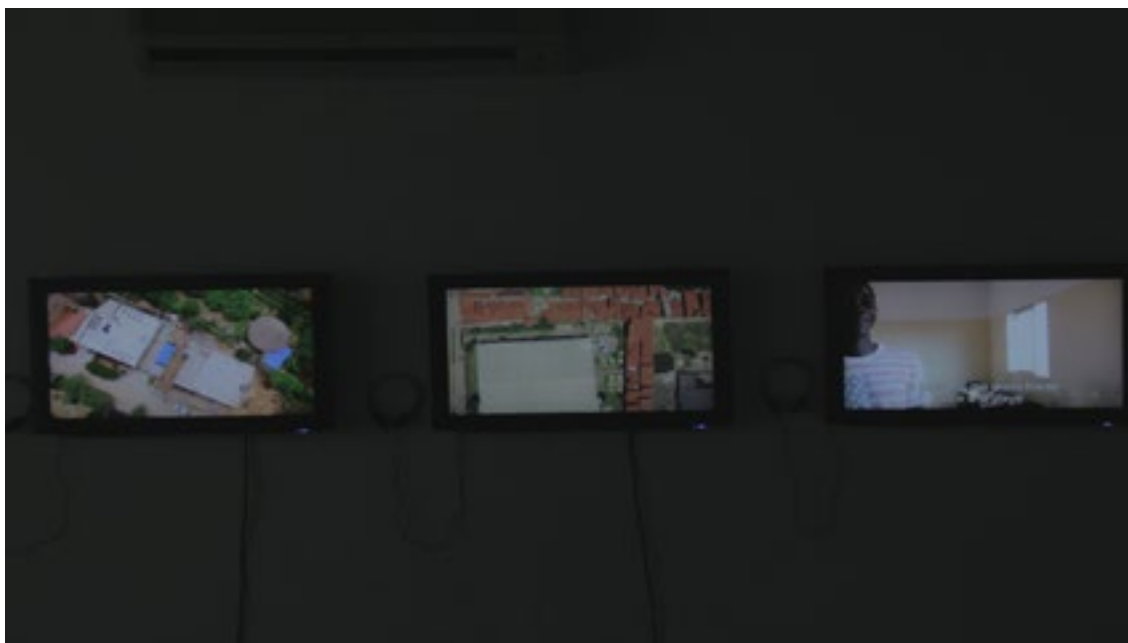
Guerri apontou que viver em Salgar é "chévere, porque hay veces disfruto que no hay y también me gustaría que Salgar progrese, y para mí también como tenemos el mar tenemos un paisaje hermoso también y para mí Salgar es lo genial".

Considerando o cenário dos três lugares, no recorte, colocam-se problemas infraestruturais

que parecem comuns a países em desenvolvimento: violência social, desigualdade no acesso às infraestruturas e precarização da educação pública. Ainda assim, destaca-se como a violência de Fortaleza foi o marco a partir do qual os lugares foram refletidos e apresentados pelos três grupos. Estranhamente, ainda que Angola e Colômbia sejam países marcados por recentes guerras internas, é o Brasil que emerge como o lugar mais violento. Naturalmente, a imagem resultante é enviesada, pelo fato de que Fortaleza é uma metrópole, enquanto Sangano e Salgar são localidades distantes dos problemas característicos de áreas urbanas mais densas da África e da América Latina.

Quanto à internet, nos três lugares/territórios, ela se apresenta como uma expansão e um refúgio do tédio ou da violência. De todos os participantes, apenas um em Sangano afirmou não usar a internet, pois *"aquí dá mais vontade de passear na praia e pescar"*. As respostas para a pergunta *"Você usa a internet e, se sim, para quê?"* foram semelhantes. Os grupos apontaram os benefícios da internet (facilmente reconhecidos por qualquer um que faça uso dela): facilita as pesquisas da escola, dá acesso ao entretenimento, permite a comunicação com amigos e familiares distantes, viabiliza a socialização através de aplicativos como Facebook, Instagram e WhatsApp.

Figura 8 – *Infraestruturas Circunvizinhas*



Fonte: arquivo pessoal.

Em Fortaleza, Joice, por exemplo, apontou: *"internet para mim é um meio de comunicação bem legal. Dá para conversar com vários amigos a distância e, também, dá para fazer pesquisa sobre coisas que a gente nunca saberia"*. Em Sangano, Helena afirmou que usa *"a internet porque é um meio para se comunicar com outras pessoas, de outros lados. É um meio que falamos normalmente. Também serve para investigar algumas coisas da escola e é uma coisa muito boa"*.

Em Salgar, o uso da internet foi unânime, ainda que ponderações tenham sido feitas. Malen, por exemplo, afirmou que a internet tem como problema o fato de ser mal utilizada pelos jovens: *"la utilizamos los jóvenes para ver cosas que no deberíamos ver"*. Guerri, por sua vez, destacou que, em um lugar como Salgar, a internet é encantadora: *"Salgar es un lugar muy aburrido. La internet es una forma de ver lo que hay de más allá de lo que hay en Salgar. Utilizo la internet"*

para me comunicar con los que no están aquí, para tarea, dibujos".

É relevante apontar que os jovens participantes da videoinstalação afirmaram acessar, através de seus celulares, basicamente o Facebook, o Instagram e o WhatsApp (aplicativos ofertados pela mesma corporação, renomeada em 2022 como Meta):

Eu acho até que nos tempos de hoje a internet já melhorou, a gente consegue falar com pessoas distantes pelo Facebook, WhatsApp, Insta. Mas espero que no futuro seja mais rápida, ainda fica meio lenta, mas espero que no futuro fique mais rápida.

Essa fala de Adão, que cobra melhor qualidade e velocidade no acesso, parece ser o ponto nodal da contradição entre a promoção da inclusão digital e a tese defendida por Couldry e Mejias (2019, p. 3, tradução nossa) de que vivemos o estabelecimento de um "colonialismo de dados", perceptível na centralização do acesso à rede, no Sul Global, a partir de empreendimentos corporativos do que os autores chamam de "Império da Nuvem"¹⁸ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 35, tradução nossa), como será apontado no próximo tópico.

Diante do que foi apresentado acerca do processo de criação até agora, torna-se necessário um aprofundamento teórico sobre o que seria a colonialidade do digital. Assim, o tópico seguinte se dedicará ao tema, dando fundamento para que, no tópico final, sejam apontados caminhos que podem ser trilhados para encaminhar as contradições entre as expectativas intelectuais, sociais e políticas de descolonização do digital e os desejos, comuns aos jovens entrevistados, de uma rede mais rápida e mais acessível.

Sobre a colonialidade do digital: incursões teóricas e chamada epistemológica

No ano de 2017, o processo de realização da obra *Infraestruturas Circunvizinhas* no contexto do Atlântico Sul encaminhou a pesquisa para uma reflexão crítica sobre o que seria a forma emergente de pro-

cesso socioeconômico que os teóricos (advindos dos estudos de comunicação e economia política) Couldry e Mejias (2019, p. 36, tradução nossa) chamam de "colonialismo de dados"¹⁹. Eles defendem que a humanidade e as Humanidades passam atualmente por uma complexificação de sua relação com infraestruturas, o que envolve a possibilidade de que ocorra em breve um "apagamento eterno" da fronteira entre o fluxo da experiência humana e o ambiente de poder econômico que a cerca.

Antes de Couldry e Mejias (2019), Parks (2014) já apontava, de modo sucinto, que os planos de incluir pessoas pobres do Sul Global na internet podem ser vistos como um encobrimento para a expectativa mercadológica de expansão dos recursos humanos que mobilizam uma economia baseada em dados. Apenas com a publicação do livro de Couldry e Mejias (2019), creio, todavia, que as questões que se colocaram ao longo do processo de criação de *Infraestruturas Circunvizinhas* (2017) encontraram uma referência que discute com fundamento, profundidade e atenção a relação entre a ampliação do acesso à internet (algo que a princípio parece sugerir uma democratização) e os interesses corporativos ou estatais que subjagam esse acesso.

Não se pode ignorar, ainda assim, que problemas hoje claros já haviam sido enquadrados criticamente em 1995, quando a internet comercial expandia a sua disseminação sobretudo no Norte Global. Ziauddin Sardar (1995, p. 777, tradução nossa) escreveu então um ensaio sobre "o ciberespaço", apontando-o como "o lado sombrio do Ocidente" e a nova fronteira da colonização:

Mas a noção de uma nova fronteira é uma formulação mítica, construída para trazer o passado em uma unidade organizada e reinterpretada com o presente e enfatizar como o novo "território" está para ser dominado e controlado no futuro. A ocupação do ciberespaço tem paralelos diretos com a colonização de culturas não Ocidentais. O ciberespaço está se tornando o novo Outro das civilizações ocidentais, que projetam todos os seus preconceitos coloniais no enquadramento das culturas não Ocidentais em imagens de sexo e violência do ciberespaço²⁰.

¹⁸ Do original: "Cloud Empire".

¹⁹ Do original: "Data colonialism".

²⁰ Do original: "But the notion of the new frontier is a mythic formulation, constructed to bring the past into an organized and

Sardar fundamenta-se no conceito de colonialidade para avançar em uma crítica aos dados que entrecruza distintos períodos e contextos históricos. A colonialidade consistiria nos legados do colonialismo que sobrevivem ao sistema colonial em si (COULDRY; MEJIAS, 2019), uma lógica que está embutida na modernidade e em uma desumanização global, capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. Esse conceito inclui a colonialidade do saber (sujeito, objeto e método), a do ser (tempo, espaço e subjetividade) e a do poder (estrutura, cultura e sujeito) (MALDONADO-TORRES, 2020).

Ao longo do século XX, desenvolveu-se uma atenção crítica para como o progresso da Europa colonial não teria sido possível sem novos meios de comunicação e transporte (como o telégrafo e as estradas), assim como sem modos de coletar e analisar a informação, na administração das colônias e das rotas comerciais. Especialmente, destaca-se o desenvolvimento da estatística e de teorias econômicas que justificaram a escravidão e o colonialismo modernos.

Assim, tem sido crescente a atenção crítica para a sobreposição das rotas que atualmente transportam e distribuem dados digitais em relação às rotas que possibilitaram ao capitalismo se desenvolver, fazendo uso do colonialismo, da escravidão negreira e das tecnologias modernas de comunicação transoceânica, como os cabos telegráficos. Mais do que as próprias rotas, certas operações que permitem a extração de valor a partir da vida e das relações entre os sujeitos de dados chamam cada vez mais atenção de teóricos para o que há de remanescente do sistema colonial imperial na disposição da rede digital no século XXI.

No contexto do digital, reflete-se sobre colonialidade com base na consideração de que a vida (dados biométricos, afetivos, sexuais, po-

líticos, econômicos, espirituais, pensamentos), ao ser transformada em recurso para a extração de valor a partir dos dados como matéria-prima, é invadida de modo singular. Couldry e Mejias (2019, p. 37, tradução nossa) apontam que aí se estabelece um poder imperial, que chamam de "O Império da Nuvem"; sendo um dos fatores que fazem esse império digital ser colonial é o "etos marcial e logístico" (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 38, tradução nossa) do empreendimento de expansão, que demanda "uma infraestrutura que facilita o movimento de recursos" (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 38, tradução nossa), bem como a "escala e o escopo dessa rede mundial de extração e distribuição administrada através de uma logística crescentemente sofisticada"²¹ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 38, tradução nossa).

Para eles, tal império se faz com o uso de seis forças: 1) *uma infraestrutura* para a extração de dados (em expansão tecnológica); 2) uma ordem social emergente que conecta os seres humanos a essas infraestruturas; 3) um modelo de governança social que se beneficia dessa infraestrutura, dessa ordem e desse sistema, trabalhando para relacionar os humanos ainda mais com esses elementos; 4) uma racionalidade prática que dá sentido a cada um dos outros níveis; e, finalmente, 5) um modelo de conhecimento que redefine o mundo como resultado dessas forças que simplesmente dariam conta de tudo que há para saber. Os dados seriam, assim, um novo meio para refazer o mundo à imagem do capital (COULDRY; MEJIAS, 2019).

As faces mais visíveis desse império seriam Amazon, Apple, Google, Facebook e Microsoft, corporações notadamente ocidentais, mas também corporações chinesas, como Alibaba, Baidu, Talking Data, e o próprio poderio tecnológico desenvolvido pela China, a sua economia de mercado e as suas políticas tecnológicas pautadas na vigilância e na extração de dados de diversos tipos de relações e interações sociais de sua população.

reinterpreted unity with the present and emphasize how the new 'territory' is to be dominated and controlled in the future. The occupation of cyberspace has direct parallels with the colonisation of non-Western cultures. Cyberspace is turning out to be the new Other of Western civilization which is projecting all its colonial prejudices, and the images of sex and violence in which it framed non-Western cultures, on to cyberspace. But this time the darker side of the West is bouncing back on itself.

²¹ Do original: "An infrastructure that facilitates the movement of resources, and what makes the Cloud Empire colonial is the scale and scope of this worldwide network of extraction and distribution, which is managed through increasingly sophisticated logistics".

Destaca-se que, por mais que os dados, como o petróleo, demandem processamento, eles constituem um recurso que não é encontrado nos estratos geológicos da Terra, “mas nos resíduos de interações sociais mediadas por tecnologias digitais”²² (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 89, tradução nossa) e mineradas por algoritmos. Atualmente, essas relações são apresentadas como se não possuíssem donos e pudessem ser alvo da extração de valor para corporações que se colocam de modo dominador e não recíproco com a Terra e com o que a compõe.

O colonialismo de dados pode ser entendido como uma apropriação de recursos sociais [...] e é em razão de que a despossessão dos recursos sociais hoje opera em modos que replicam a despossessão dos recursos naturais de outrora que nós argumentamos que as relações de dados recriam formas colonizadoras de poder²³ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 85, tradução nossa).

Para Couldry e Mejias (2019), esse império é, como os impérios coloniais, movido pelas ações de desbravar, explorar, expandir e exterminar. O paralelismo, ainda que marcado por diferenças incomparáveis (como a brutalidade genocida do escravagismo), permite acessar a colonialidade das relações de dados – consideradas como as relações sociais que são abstraídas e mercantilizadas como dados e que apontam “para uma continuidade ampla dos legados do colonialismo no presente”²⁴ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 84, tradução nossa).

Exemplificando, a iniciativa Facebook Free Basics consistiu em uma parceria do Facebook com empresas de telecomunicação de países como Angola, Colômbia e Índia para oferecer acesso grátis aos seus aplicativos. Criticado por viabilizar o consumo de dados centralizado em seus próprios Instagram, Facebook e WhatsApp,

o projeto foi banido na Índia, ao contrário do que aconteceu na África, onde foi amplamente aceito. Os jovens participantes de *Infraestruturas Circunvizinhas* em Angola certamente se beneficiaram de iniciativas como essa, no sentido de que tais aplicativos são os que estão liberados “de graça” para os *chips* de seus telefones móveis.

Couldry e Mejias (2019, p. 15, tradução nossa) denunciam que tal processo **é conduzido pelo “setor de quantificação social”**, especialmente interessado na expansão de infraestruturas, como cabos submarinos:

[...] para além das questões de acesso individual, os países variam na robustez de sua conectividade à internet, enquanto a disposição de cabos intercontinentais tem se tornado uma área crescente para o setor de quantificação social em si²⁵.

Para os autores, emerge hoje uma ordem social em torno dos fluxos entre dados e capital; eles a consideram tóxica para os seres humanos, uma vez que promove: 1) formas de desigualdade quase inteiramente opacas e altamente direcionadas, autorizadas em nome da eficiência dos recursos e de uma ordem de conhecimento social universal; 2) vigilância descontrolada da vida humana como premissa (COULDRY; MEJIAS, 2019).

Situadas tais questões que envolvem o discurso sobre o “colonialismo de dados”, o próximo tópico retoma a fala dos jovens que participaram de *Infraestruturas Circunvizinhas*. Mais especificamente, parte-se da última pergunta que lhes foi feita: “como imaginam a internet no futuro?”. A partir da tentativa de responder à pergunta, por anos ficou posta a dúvida sobre como uma teoria da decolonização tal qual proposta por Couldry e Mejias (2019) pode responder às expectativas apontadas pelos jovens de que a internet seja, no futuro, mais acessível e mais rápida (o que, em outras palavras, significa dotada de melhor infraestrutura e, nas condições atuais, sustentada pelos empreendimentos do tal Império da Nuvem).

²² Do original: “It is the by-product of social interactions that are mediated by digital technologies”.

²³ Do original: “Data colonialism can be understood as an appropriation of social resources, one that represents both a progression of capitalism and its return, potentially, to more brutal forms of exploitation. It is because the dispossession of social resources today operates in ways that replicate how the dispossession of natural resources once worked that we argue data relations re-create a colonizing form of power”.

²⁴ Do original: “the broader continuities in how the legacy of historical colonialism resonates in the present”.

²⁵ Do original: “Beyond questions of individual access, countries vary in the robustness of their internet connectivity, while intercontinental cable laying is becoming a growth area for the social quantification sector itself”.

Um futuro decolonial para a rede?

No primeiro tópico, abriu-se um espaço para a voz individual de sujeitos de dados localizados territorialmente em razão da circunvizinhança com infraestruturas de mídias. Através do *kuduro* de Milezboy, essa voz pode ser ouvida para além do espaço aberto e articulado pelo artista-pesquisador. A iniciativa torna possível aproximar *Infraestruturas Circunvizinhas* da chamada por pesquisas que se posicionem como uma “ferramenta decolonial”²⁶, nos termos postulados por Couldry e Mejias (2019, p. 208, tradução nossa).

Para os autores, a fala dos sujeitos do colonialismo de dados pode ser mobilizada por pesquisas que deem respostas a um tipo de futuro que já está sendo “gestado nas garras do presente”. Assim, a “decolonização dos dados” significaria considerar a posição daqueles que são colonizados e imaginar um futuro comum, no qual a humanidade possa ir além do projeto de reduzir a vida humana aos *inputs* e *outputs* do processamento de dados.

Pesquisar sobre “colonialismo de dados” envolveria promover processos coletivos que dão espaço para “pensar junto em múltiplos contextos sobre o que o colonialismo de dados significa para a vida humana hoje”²⁷ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 202, tradução nossa). Nesse contexto, as generalizações teóricas são capazes de desafiar o imaginário sobre a *datificação* na contemporaneidade e de apresentar aspectos peculiares da operacionalidade presente da internet. O que estaria no cerne da ordem colonial dos dados é sua visão de totalidade sob o potencial da conexão – algo positivo, mas oferecido sob termos que demandam a aceitação da totalidade, a submissão a uma ordem universal de conectividade.

O desafio de encarar criticamente os legados do colonialismo emergiu ao longo do século XX através de abordagens críticas como o neocolonialismo, o pós-colonialismo e o decolonialismo. O conceito de decolonialidade avançou a crítica contra a colonialidade e a provincialização do

pensamento europeu a partir de três pontos principais: a procura por fontes intelectuais para além do cânone ocidental e inspirada por movimentos políticos do Sul Global; a abertura de um diálogo crítico entre projetos éticos e políticos que se movimentam em direção a um pluriversalismo, em vez de um universalismo; e o reconhecimento de que a decolonização do conhecimento pode ser conquistada apenas através do pensamento crítico com e dos espaços e corpos étnico/raciais subalternizados.

Pensar em decolonização dos dados, nesse viés, envolveria apresentar “contrapresentes”²⁸ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 88, tradução nossa) ou compreensões alternativas de ordens sociais contemporâneas, com atenção crítica para como corporações têm se engajado em novas formas de desbravamento, exploração, expansão e extermínio, em um novo modo de produção capitalista que está apenas no começo e, portanto, não possui ainda aparência definida (COULDRY; MEJIAS, 2019). Esses “contrapresentes” levam em consideração a voz individual dos sujeitos de dados e a noção de que o colonialismo de dados é um problema coletivo.

Defende-se que devemos buscar outro tipo de ordem, que compreenda a humanidade de modo não totalizante e que seja responsivo à heterogeneidade – alvo recorrente do sistema colonial. *Infraestruturas Circunvizinhas*, portanto, buscou ir ao encontro do que o teórico da decolonização Anibal Quijano (2007, p. 177) propõe: a abertura de novos caminhos para a comunicação intercultural, “para um intercâmbio de experiências e significados como base para outra racionalidade que possa legitimamente pretender alguma universalidade”.

A expectativa de Couldry e Mejias (2019) é a de que se possa: 1) reenquadrar os termos do discurso sobre dados; 2) reclamar formas de bem-estar que foram erodidas por relações de dados; 3) nomear e articular visões de mundo que resistam à datificação; 4) identificar arenas sociais que possam existir para além desse fenômeno; e 5) criar canalizações para a criatividade.

²⁶ Do original: “*decolonial tool*”.

²⁷ Do original: “*thinking together in multiple contexts about what data colonialism means for human life today*”.

²⁸ Do original: “*counterpresents*”.

Crendo-se que *Infraestruturas Circunvizinhas* atravessou essas indicações, destaca-se que todos os jovens colaboradores, nos três países, ofereceram respostas que direcionaram as expectativas por uma internet "mais avançada" e mais rápida, que permita a todos que se surpreendam e aproveitem ainda mais tal tecnologia.

Em Fortaleza, a internet no futuro foi apontada como viabilizadora de carros voadores; em Salgar, destacou-se como ela já está se fazendo presente, na realidade virtual e em hologramas. Malen foi a única a adotar um tom mais reflexivo, apontando esperar que, no futuro, os humanos saibam utilizá-la, "*porque todos no la utilizan para bien*". O que mais se repetiu, todavia, foi a cobrança por velocidade, por redução da latência.

A cobrança mais enfática veio de Adão, que problematizou o *lag* ao conversar com seu primo que morava então no Brasil:

Eu acho que a internet no futuro tem que melhorar mais, porque algumas palavras que meu primo, o Edvaldo Felix Batista, diz do Brasil eu percebo... lentamente. Então prefiro que a internet no futuro fique mais rápido, mais rápido. Que as palavras que eu digo daqui pra lá ele perceba mais rápido. Porque às vezes o que ele diz demora um minuto para eu perceber. Espero que no futuro fique mais rápido.

Como a escuta desses sujeitos de dados responde à expectativa intelectual, social e política de decolonização dos dados, da internet e das infraestruturas? Essa foi a pergunta que mobilizou (nos anos subsequentes à experiência de produção da videoinstalação) a pesquisa em seu âmbito mais teórico. Como se concilia a expectativa de avanço e melhora na infraestrutura com a expectativa de decolonização dessas infraestruturas? Decolonizar seria desconectar? Apagar o Facebook, o Instagram e o WhatsApp? Esses sujeitos de dados, assim enquadrados como colonizados digitais, não acabam por apresentar e defender os benefícios do acesso promovido através de iniciativas como o Facebook Free Basics? Qual seria a validade de, enquanto artista ou pesquisador, deslocar-se entre continentes para dizer para esses jovens que eles são colonizados (como se o sujeito que teoriza-pesquisa-cria também não o fosse)? Afinal, o que seria um futuro decolonial para a internet?

Primeiramente, creio que a mobilização de imaginação, pensamento e troca de informações sobre infraestrutura, provocada pelo processo de produção da videoinstalação, afeta a forma como os jovens passam a se perceber relacionados com o cabo submarino e com a sua infraestrutura, produzindo (também para os que vêm a ter contato com a obra/pesquisa) uma nova camada de inteligibilidade infraestrutural, o que significa, conforme Parks (2015, p. 359, tradução nossa),

[...] um processo pelo qual pessoas comuns usam imagens, sons, objetos, observação, informação e experiências tecnológicas para imaginar a existência, o molde e a forma de uma infraestrutura midiática extensa e dispersa, que não pode ser observada, em sua integridade, fisicamente por uma pessoa²⁹.

Essa mobilização atua, primeiramente, em um nível de inter-relações pessoais. Ao ir para a Praia do Futuro e tomar um banho de mar bem em cima do cabo submarino SACS, olho para o horizonte, sabendo que dali parte uma tecnologia que, de alguma forma, conectou-me com os moradores localizados no lugar em que tal tecnologia ancora na África. E isso certamente ocorre lá, quando os participantes olham para o mar a partir do enquadramento tecnológico que vincula com Fortaleza o território em que vivem.

Mais do que afetar a forma como eu e eles percebemos, em um âmbito micro e pessoal, essas interconexões materiais entre territórios longínquos, o processo de investigar essas relações de vizinhança afetou o modo como também percebo tanto essas infraestruturas quanto a maneira como elas se inserem nos lugares e apresentam uma multiplicidade de camadas para reflexão. Creio que se trata de afetações retiradas de uma zona turva, quando se catalisa um aprofundamento do pensamento sobre os meios variados como as pessoas percebem e experimentam a infraestrutura no seu cotidiano.

Destaca-se o curioso caso de pessoas que, sem acesso às redes de energia e esgoto em

²⁹ Do original: "a process by which ordinary people use images, sounds, objects, observations, information, and technological experiences to imagine the existence, shape, or form of an extensive and dispersed media infrastructure that cannot be physically observed by one person in its entirety".

suas próprias residências, buscam instalações físicas de uma estação de cabo submarino para carregar as baterias de seus telefones móveis e assim se conectarem com a rede global de informação. *Infraestruturas Circunvizinhas*, portanto, é um gesto mediado por vídeo que produz uma camada de "letramento infraestrutural", ou seja, promove conhecimento sobre o valor do uso das infraestruturas de modo crítico e relacionado a questões de saúde ambiental, distribuição de recursos públicos e justiça social.

Couldry e Mejias (2019), por vez, afirmam que isso não é suficiente para decolonizar. Ainda que reconheçam benefícios em termos imediatos do letramento em mídias, eles apontam que isso não gera resistência ao colonialismo de dados:

No máximo, permite a nós que venhamos a viver mais à vontade com isso, normalizando a longo prazo. Pior, como todas as noções de letramento, o letramento em mídia se sustenta sobre a disposição virtuosa do sujeito, que acaba por não se dar conta de como a nova ordem trabalha para desmantelar a autonomia do sujeito³⁰ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 194; tradução nossa).

Eles também rejeitam soluções parciais, como a melhora das redes a partir de reformas que não desafiam as fundações do sistema, mas que encontram maneiras alternativas de o replicar. Não é parte do argumento deles, todavia, afirmar que as pessoas devem se desconectar das infraestruturas de conexão construídas nas últimas duas décadas; eles tampouco acreditam que apagar Facebook, Instagram e WhatsApp seja um gesto decolonial, pois a ordem do colonialismo de dados não é questionada por tal gesto.

Decolonizar os dados seria resistir e dizer não às práticas que normalizam a ordem do colonialismo de dados na vida cotidiana, encontrando formas de coletividade que desconfiguram nossa identificação com as premissas dessa ordem (COULDRY; MEJIAS, 2019). Deve-se considerar que as relações de dados não oferecem um espaço para a liberdade

separado do capitalismo; elas são um meio no qual as relações capitalistas são formadas e estendidas conforme nos conectamos. Ao apontarem para um possível futuro decolonial para a internet, os autores partem da consideração de que se deve atuar contra o modo de racionalidade do *Big Data*, rejeitando a ideia de que a coleta contínua de dados dos seres humanos consistiria em um modo racional de organizar a vida humana. A coleta massiva de dados referentes às interações humanas serve a interesses que devem ser rejeitados e aos quais se deve resistir (COULDRY; MEJIAS, 2019).

Assim, a decolonização da internet envolveria, para Couldry e Mejias (2019), a busca por uma visão que não subordinasse a autonomia humana à autonomia do sistema e por um novo imaginário social sobre dados e nossas relações com eles. A resistência ao colonialismo de dados estaria, portanto, ligada a questões, primeiramente, epistemológicas: "que tipos de dados devem ser coletados? Quais podem ser combinados com outros tipos de dados? O que precisamos para impor limites ao poder de decisão dos algoritmos?"³¹ (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 198; tradução nossa).

A visão que se estabelece, desse modo, para a decolonização dos dados, conforme os autores:

- Rejeita em princípio as premissas da nova ordem social e econômica, insistindo, em cada oportunidade, que as corporações e todos os atores que usam os dados o façam de modo legítimo apenas se o uso amplo estiver baseado no respeito aos sujeitos humanos aos quais os dados se referem e em razão dos objetivos e da consciência desses sujeitos;
- Define que é direito do indivíduo controlar os seus dados e considera que o colonialismo de dados vai contra esse direito;
- Estipula que é direito do sujeito de dados existir sem ser rastreado e minerado;

³⁰ Do original: "at most, it enables us to live more at ease with it, thus normalizing it for the longer term.¹³ Worse, like all notions of literacy, media literacy relies on the virtuous 'disposition' of the subject, which misses how the new order works to dismantle the autonomy of the subject".

³¹ Do original: "What sorts of data should be collected? What sorts of data should be combined with what other sorts of data? When do we need to impose a limit on algorithmic decision-making?".

- Defende que esses direitos vão contra o perigo que o colonialismo cria para a vida humana.

Destaca-se, portanto, como *Infraestruturas Circunvizinhas* oferece uma base situada para refletir sobre tais questões, promovendo interculturalidade entre escolas pensadas a partir da potência do "espaço paranodular". Por um lado, a obra reconhece a importância de demandar mais acesso e, talvez, aponta para como, em algum momento, os desdobramentos da presente pesquisa podem ir ao encontro de estratégias de busca por meios para que tal acesso ocorra, especificamente no caso da escola de Sangano.

Por outro lado, a obra atravessa uma tensão em torno de como esse acesso existe parecendo estar viabilizado, no futuro, a partir de empreendimentos do tal Império da Nuvem. Para que as narrativas proporcionem efeitos mais significativos, cabe então perguntar e buscar se organizar para reconhecer meios de reimaginar a internet, repensar a conectividade, apropriar-se enquanto cidadãos dos projetos de desenvolvimento de infraestrutura.

Um marco de iniciativa concreta no âmbito das reflexões sobre os cabos submarinos e sua governança no Brasil ocorreu em 2018, com o seminário "As Rotas Invisíveis da Internet", na Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro, com organização do grupo Internet Sem Fronteiras. Diversos entes civis, empresas privadas e públicas foram convidados para pensar a governança dos cabos submarinos e uma visualização social das infraestruturas. Diante de uma carência de iniciativas nesse sentido, o esforço do seminário reforça aspectos democráticos do Marco Civil da Internet (BRASIL, 2014)³² e os aproxima da questão das infraestruturas, gerando também letramento

³² A Lei n. 12.965 (BRASIL, 2014), também conhecida como Marco Civil da Internet, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil. Destaca-se que a lei, em seu art. 9º, busca proteger a neutralidade da rede, o que significa que o controle da rede deve ser neutro em relação aos conteúdos distribuídos através dos cabos. Em seu art. 24, VIII, também aponta, como diretriz para a administração pública, a otimização da infraestrutura das redes e o estímulo à implantação de centros de armazenamento, gerenciamento e disseminação de dados no país, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a difusão das aplicações de internet, sem prejuízo à abertura, à neutralidade e à natureza participativa.

infraestrutural. Uma das organizadoras do evento, Florence Poznanski, explicita em artigo (BLANC; POZNANSKI, 2017) que sua proposta é entender os cabos submarinos como recurso comum que deve ser administrado a partir do interesse público e de modelos alternativos aos de domínio estatal ou privado.

Ao encontrar, assim, a partir de uma diversidade de pontos, referências para se situar e multiplicar abordagens criativas e voltadas ao comum para as infraestruturas (desde cabos submarinos ao espectro diverso do que compreendem as infraestruturas críticas), os Estudos de Mídia e Comunicação poderão colaborar para a questão não apenas reconhecendo teoricamente as configurações geopolíticas que se estabelecem em relações macro de poder, mas também ensejando outros imaginários infraestruturais e impulsionando a bifurcação de futuros possíveis a partir de territórios situados.

Referências

ABREU JÚNIOR, Pedro Itamar de. Uso e ocupação do solo: o futuro da Praia do Futuro. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 140, 2005.

BLANC, Félix; POZNANSKI, Florence. ELLALink no caminho de um novo modelo de governança da Internet. **Convergência Digital**, [s.l.], 2017. Disponível em: www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=site&UserActiveTemplate=mobile&infoid=46941&sid=15. Acesso em: 22 jun. 2017.

BRASIL. **Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 23 jan. 2022.

BATHWAITE, Edward Kamau. Interview. **Hambone**, n. 9, p. 42-59, 1991.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises Ali. **The costs of connection**: how data are colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

FORTALEZA. Lei Complementar n. 229, de 22 de março de 2017. Altera e acresce dispositivos à Lei Complementar n. 62, de 2 de fevereiro de 2009, e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**: Fortaleza, ano LXII, n. 15.981, p. 1, 22 mar. 2017.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3178066>. Acesso em: 25 ago. 2023.

HESMONDHALGH, David. The infrastructural turn in media and internet research. *In*: MCDONALD, Paul (ed.). **The Routledge Companion to Media Industries**. Oxfordshire: Taylor & Francis, 2021. p. 132-142.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 27-53.

O POVO. Ônibus são incendiados na RMF; homem é preso no bairro José Walter. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/04/policia-registra-ataques-e-incendios-a-onibus-em-fortaleza.html>. Acesso em 13 mar. de 2022.

O POVO. 2017 teve ciclo de ataques mais violento; cobrador morreu após sofrer queimaduras. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/01/2017-teve-ciclo-de-ataques-mais-violento-cobrador-morreu-apos-sofrer.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PARKS, Lisa. Media Infrastructures and Affect. **Flow TV**, v. 19, n. 12. 2014. Disponível em: <http://flowtv.org/2014/05/media-infrastructures-and-affect/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

PARKS, Lisa. Stuff you can kick': Conceptualizing media infrastructures. *In*: SVENSSON, Patrik; GOLDBERG, David Theo. **Between Humanities and the digital**. Cambridge: MIT Press, 2015. p. 355-376.

QUIJANO, Anibal. Coloniality and modernity/rationality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 168-178, 2007.

SARDAR, Ziauddin. alt.civilizations.faq: cyberspace as the darker side of the West. **Futures**, [s.l.], v. 27, n. 7, p. 777-794, 1995.

STAROSIELSKI, Nicole. **The undersea network**. Durham: Duke University Press, 2015.

STAROSIELSKI, Nicole. Strangling the internet. **Limn**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://limn.it/articles/strangling-the-internet/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Ruy Figueiredo

Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio de bolsa CAPES. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio de bolsa CNPq/FAPERJ.

Endereço para correspondência

Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes

Rua Alexandre Moura, 8, Bloco A, Sala 204

Gragoatá, 24210-200

Niterói/RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.